

## **A AMAMENTAÇÃO COMO FATOR RELEVANTE NO ESTABELECIMENTO DO VÍNCULO AFETIVO MÃE-FILHO**

**Kenia Mirelle Resende – FUPAC/IPTAN**  
Especialista em Nutrição Humana e Saúde – UFLA  
Email: kenia\_resende@yahoo.com.br

**Diana Maria Vale de Oliveira - FUPAC**  
Especialista em Gestão Microrregional – SENAC (MG)  
E-mail: dianamvo@hotmail.com

**Resumo:** Este estudo procura fazer uma reflexão sobre a importância da amamentação na formação do vínculo afetivo da díade mãe-filho e sua influência no desenvolvimento emocional da criança. Apesar de ser um ato natural, a amamentação se desenvolve dentro de um contexto sociocultural, sendo influenciada pela sociedade e pelas condições de vida da mulher. O trabalho traz como proposta conceituar amamentação, enfocando o seu contexto histórico-social, além de caracterizá-la como propiciadora do vínculo afetivo mãe-filho. Através das pesquisas, de caráter analítico descritivo, objetivou-se contribuir para a construção do conhecimento em enfermagem, demonstrando a relevância da atuação do enfermeiro em todas as etapas do processo de amamentar. Demonstra-se, portanto, que a interação do enfermeiro nas situações assistenciais pode facilitar o estabelecimento deste vínculo afetivo.

**Palavras-chave:** Amamentação - Vínculo afetivo - Mãe - Filho - Enfermeiro.

## INTRODUÇÃO

Dentre os aspectos que envolvem a amamentação, os aspectos psicológicos e emocionais merecem destaque tendo em vista que, para crescer no ritmo apropriado, a criança requer dos nutrientes que abundam no leite materno, da mesma forma que necessita dos estímulos que vem com a mãe.

O estudo busca compreender a importância da amamentação na formação do vínculo afetivo da díade mãe-filho e sua influência no desenvolvimento emocional da criança. Para subsidiar este trabalho, partindo da premissa que o aleitamento é uma herança social, moral e cultural, tornou-se essencial, através de um resgate histórico, demonstrar a variação do comportamento social nas diferentes épocas, no tocante a pratica de amamentar, bem como as questões que interferiram na sua manutenção.

Este trabalho tem como objetivo geral pesquisar a amamentação, principalmente no que tange à formação deste vínculo. Para este fim, são objetivos específicos, conceituar amamentação, enfocando o seu contexto histórico-social, caracterizá-la como propiciadora do vínculo afetivo mãe-filho e destacar o trabalho terapêutico, preventivo e pedagógico do enfermeiro frente à mesma.

Como estratégia foi utilizada a revisão bibliográfica, através de pesquisas de caráter exploratório, analítico e descritivo. A busca foi realizada em livros, artigos científicos e sites especializados que permitiram uma melhor abordagem do tema proposto.

No primeiro momento foram abordados os conceitos sobre a amamentação e aleitamento materno, destacando o seu contexto histórico-social. Em seguida, a ênfase foi dada aos aspectos subjetivos e emocionais da prática de aleitar. E para finalizar, reforça a importância do trabalho do enfermeiro frente à amamentação.

No intuito de garantir relações mais estáveis e o equilíbrio emocional do binômio mãe-filho, o enfermeiro deve adquirir conhecimentos sobre todas as fases da amamentação, de forma a aperfeiçoar o atendimento de enfermagem. Assim, ele estará dirigindo adequadamente a assistência, facilitando o estabelecimento do vínculo afetivo mãe-filho e garantindo melhores condições de vida para ambos.

# **1- A AMAMENTAÇÃO COMO UM ATO BIOLÓGICAMENTE DETERMINADO E SOCIOCULTURALMENTE CONDICIONADO**

## **1.1 Conceitos de amamentação e aleitamento materno**

Amamentar é um ato natural, reconhecido como a melhor forma de alimentar, proteger e amar uma criança, suprimindo todas as necessidades do bebê nos primeiros meses de vida, para um crescimento e desenvolvimento sadio.

O termo amamentação se difere do aleitamento materno, pois de acordo com Rego (2008, p.11): “O conceito da amamentação é o ato da mãe dar o peito diretamente para o bebê mamar e o aleitamento materno é o meio pelo qual a criança recebe o leite de sua mãe.” Seja através da mama, pelo copinho ou até mesmo pela mamadeira.

Mas a amamentação vai muito além destes conceitos, pois além de propiciar, pelo leite materno, a melhor fonte de nutrição para os lactentes e a proteção contra diversas doenças agudas e crônicas, também possibilita um melhor desenvolvimento psicológico.

O que pode ser confirmado pelo mesmo autor:

A amamentação não é apenas uma técnica alimentar: é muito mais do que a simples passagem do leite de um organismo para o outro, ainda que diretamente ao seio. Ela é um rico processo de entrosamento entre dois indivíduos um que amamenta e o outro que é amamentado. A amamentação não só é propiciada como também propiciadora de uma gama de interações facilitadoras de formação e consolidação do vínculo mãe-filho (REGO, 2008, p.17).

No entanto, muitos são os fatores que afetam o modo como as mulheres alimentam seus filhos e o tempo durante o qual os amamentam. Isso ocorre porque sua prática tem sofrido variações ao longo dos anos, devido aos fatores familiares, biológicos, psicológicos e socioculturais, fazendo-nos acreditar que o aleitamento materno não é um comportamento predominantemente instintivo no ser humano.

## **1.2 As representações histórico-sociais da amamentação**

Durante décadas de existência da espécie humana, a alimentação ao seio foi considerada a forma natural e praticamente exclusiva de alimentar a criança em seus primeiros meses de vida. Porém, os mistérios e os tabus relacionados ao tema também datam do começo da civilização.

Sua relevância social é confirmada pelo autor: “A amamentação é um ato milenar e relacionado com a espécie, porém este ato não é somente natural,

mas cultural, construído a partir de valores e crenças sociais.” (PEREIRA, 1999, p.57).

As primeiras recomendações sobre o aleitamento materno datam de cerca de 1800 a.C, no código de Hammurabi, que é o mais antigo conjunto de leis encontrado na antiga Mesopotâmia. Sobre ele Bosi e Machado (2005) descrevem que já havia referência à prática de amamentar a criança de uma mulher em forma de aluguel, pelas chamadas amas de leite, numa clara alusão à interferência do homem no curso da amamentação.

O termo ama de leite pode ser entendido como: “A mulher que amamenta criança alheia quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo.” (FREYRE, 1998, p.283). Geralmente esse encargo era dado às escravas que já tinham filhos, não sendo frequente a amamentação ao peito da própria mãe.

Os romanos filósofos e moralistas, Plutarco e Tácito condenavam o aleitamento exercido pelas amas de leite, pois conforme Badinter (1985, p.38) eles acreditavam que: “[...] o vínculo entre a criança e a ama de leite prejudicava a relação entre a criança e a mãe natural.”

Então, percebe-se que, apesar de a amamentação ser uma escolha individual, ela se desenvolve dentro de um contexto sociocultural, portanto influenciada pela sociedade e pelas condições de vida da mulher. Este aspecto pôde ser evidenciado nos relatos históricos sobre a interferência da civilização humana na amamentação.

O autor supracitado defende ainda que:

No início do século XVII a mulher que amamentava era vista como uma mulher suja, o relacionamento sexual não era bem visto por aqueles que seguiam preceitos morais, pois acreditavam que o esperma azedava o leite e podia fazer mal à criança. Devido a isso, as crianças eram consideradas como um ser imperfeito, esmagadas pelo peso do pecado original. Não obstante, eram tidas como um estorvo. (BADINTER, 1985, p.39).

O que, de certa forma, poderia esclarecer o abandono, a indiferença e a contratação de amas de leite para substituir o seio materno, numa clara rejeição ao filho. No princípio, substituindo o seio materno devido aos caprichos ou à fragilidade da nutriz, e posteriormente, por comodidade das mesmas.

Mas Martins Filho (1997, p. 31), analisando os saberes e práticas sobre aleitamento materno na sociedade brasileira constatou que, no século XVI e XVII, a índia Tupinambá carregava o seu bebê durante todo o dia amarrado ao seu corpo, praticando a amamentação sob livre demanda. Isso significa dizer que na cultura dos índios a amamentação era comum, mesmo com o trabalho materno e, os bebês comiam outros alimentos somente quando iniciavam a marcha.

No entanto, para Badinter (1985, p.48), com a vinda dos europeus às terras brasileiras muitos hábitos indígenas sofreram mudanças, inclusive o aleitamento materno. O ato de aleitar direto ao seio, certamente foi percebido pelos portugueses como um comportamento repulsivo, impróprio para o homem civilizado, cujo padrão de referência comportamental baseava-se nos hábitos e costumes da cultura europeia. E no Brasil, da mesma forma que na Europa, foi difundida a ideia de que a amamentação era considerada indigna para uma dama, não sendo, portanto, uma tarefa nobre.

Freyre (1998, p.32), ressalta o descobrimento do Brasil como ponto marcante na história, marcando o início do desmame precoce dos bebês. As amas de leite das famílias que se estabeleceram no Brasil, passaram a função às índias e depois, com a vinda das escravas negras, passam a elas o papel de amas de leite, com o encargo de cuidar e alimentar os filhos dos senhores da corte.

Em consequência deste fato, muitas delas eram vendidas como mercadoria quando produziam muito leite. A importância atribuída a esse novo ator social assumiu tamanha proporção que alguns senhores de escravos chegaram a admitir que criar negras para alugar como amas, era até mais rentável do que plantar café.

As questões morais das negras amas de leite podem justificar o alto índice de desmame precoce e mortalidade infantil daquela época. Embora pareça não haver causas isoladas para estabelecer o curso da amamentação e sim, relação de fatores associados entre a mãe, o recém-nascido e o contexto em que eles se encontram, em um dado período de tempo.

Existe uma espécie de tendência latente ao desmame, historicamente presente na sociedade, levando as mulheres a desmamarem os seus filhos de forma precoce. Mesmo não existindo respostas conclusivas quanto ao desmame precoce, a história tem nos mostrado que se trata de uma decisão tomada pela mulher, de forma consciente ou não. Colaborando com as afirmações de que o ato de

amamentar tem variado em função do tempo e lugar, obedecendo a determinantes sociais e culturais, sobrepondo à determinação biológica.

Dessa forma, percebe-se que o aleitamento materno é um ato individual e consciente, estando preso à aprovação do seu grupo social.

## **2. FORMAÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO MÃE-FILHO**

### **2.1 Amamentação: propiciadora do vínculo afetivo**

A amamentação é muito importante, tanto como fonte de nutrição para o bebê, quanto pela transferência de imunidade que a mãe oferece a partir do colostro. Os aspectos psíquicos e emocionais do binômio também recebem ênfase especial, pois durante o aleitamento materno se estabelece a cumplicidade e o vínculo afetivo entre ambos. Apesar de a criança sentir necessidade física de leite, sua necessidade emocional é igualmente forte, por isso precisa do contato com a mãe, de tranquilidade e de amor, recebidos enquanto mama.

Do ponto de vista emocional, amamentar traz inúmeras vantagens, pois, a interação rica entre mãe e filho proporciona uma mútua satisfação. A ligação forte entre ambos, o contato íntimo da pele e o olhar permitem que sintam um enorme prazer neste ato. Este contato possibilita que o amor vá aumentando a cada mamada, construindo uma base sólida, vinculando para sempre mãe e filho.

As crianças privilegiadas por este contato precoce com suas mães após o parto são menos ansiosas e mais tranquilas, sofrendo menos estresse causado pela separação do corpo materno. Fato este, confirmado por Lana, (2001, p. 143):

A maior recompensa da amamentação é o contato íntimo, freqüente e prolongado entre mãe e filho, que, além de ser por si só muito gratificante para ambos, resulta num estreito e forte laço de união entre eles. A conseqüente maior ligação mãe-filho na amamentação possibilita melhor compreensão das necessidades do bebê, facilitando o desempenho maternal.

Na verdade, o contato físico para o bebê é um estímulo agradável, que por ser uma necessidade biológica e vital, permite que ele alcance mais plenamente suas potencialidades. Porém, segundo Bertoldo e Santos (2003, p.263), o início da formação deste vínculo não começa no parto. Ele começa já durante a gravidez.

Neste período, quando tudo corre bem, os laços entre pais e bebês vão se fortalecendo gradualmente. Se, no entanto, durante esse período ocorrer qualquer alteração, o vínculo entre eles poderá ser retardado. Para Pedroso e

Pucinni (2008, p.45), “O vínculo mãe-filho, fundamental para o crescimento e desenvolvimento da criança, é fortalecido pela amamentação, que proporciona grande variedade de estímulos ao recém-nascido e interações mais intensas com sua mãe.”

Conforme os autores desejam demonstrar, o aconchego resultante de uma interação sensorial tão estreita dará à criança a sensação de pertencimento, referência insubstituível para a estruturação de sua personalidade. Colaborando com essa ideia, Lana (2001, p.148) reforça: “Para o resto da vida, a força e a qualidade deste vínculo influenciarão a qualidade de todos os futuros vínculos que serão estabelecidos pela criança, com outras pessoas”

Assim sendo, faz-se necessário deixar que mãe e bebê se reconheçam, pois, um sistema de comunicação equilibrado entre ambos é que vai orientar e facilitar a relação da mãe com a criança e a consequente formação do vínculo, que vai se solidificando no desenrolar desta interação.

## **2.2 Aspectos subjetivos e emocionais da amamentação**

A amamentação é um direito adquirido pela mãe. Dar de mamar depende da sua escolha e de algumas questões culturais que envolvem a família, o marido e até fatores estéticos. Algumas mulheres se adaptam à nova rotina, outras não. Isso acontece porque, apesar de ser um ato natural na teoria, na prática o processo pode ser bem mais difícil.

As dificuldades e o possível fracasso serão maiores quanto menor for a preparação e conscientização da futura mãe no período pré-natal. Se, por falta de oportunidades da mãe interagir com seu filho, o estabelecimento do vínculo e apego for prejudicado, pode gerar desordens no relacionamento futuro de ambos.

Quanto a isso temos que:

Há sistemas neuroquímicos, como os da ocitocina e vasopressina, desenvolvidos no cérebro da criança, que operam em sintonia com o afeto materno, reforçando o equilíbrio emocional ou gerando agressividade e outros comportamentos sociais. São sistemas sensíveis aos cuidados com a criança durante os primeiros anos de vida. Seus efeitos dependem do vínculo afetivo que se estabelece entre a mãe, a criança, o pai e a família como primeiro grupo social. Garantem relações estáveis ou podem ser a fonte da violência humana (CAMPOS, 2011).

Pelo exposto acima percebe-se que, quando essa vinculação afetiva não acontece na infância é muito provável que tenhamos um adulto incapaz de vincular-se nos grupos sociais, com facilidade para o descontrole das emoções,

caminhando para a agressividade. Por isso, incentivar o vínculo afetivo na idade adequada é um direito fundamental do ser humano, pois é ele vai garantir suas relações estáveis e seu equilíbrio emocional. E a intimidade física da prática de amamentar dispensa os obstáculos que possam existir de forma tal que nenhum outro esforço consciente por parte da mãe consegue igualar.

Sendo assim, o que dizer da mãe quando por motivos diversos se vê impossibilitada de amamentar? Como fica sua imagem de boa maternagem? Abre-se aí um hiato entre a maternidade e a amamentação, sendo necessário analisar todos os aspectos subjetivos e emocionais, advindos da prática interrompida, já que esta pode trazer sérias consequências psicológicas para o binômio.

Importante reforçar que durante a nutrição do bebê pela mamadeira deve-se ter como elemento mais importante as condições para que se estabeleça uma relação de cumplicidade satisfatória entre a dupla, para que assim também ocorra um desenvolvimento satisfatório do bebê. O apego ao filho não nasce repentinamente e nem sempre será instintivo ligar-se a ele. Este vínculo se estabelece continuamente e os bebês contribuem efetivamente para que ele ocorra desde as primeiras horas após o parto.

O elo afetivo formado será imprescindível para o desenvolvimento infantil e sua falta pode prejudicar a criança. Desta forma, um bebê que não foi amamentado ao seio, não será necessariamente infeliz, considerando que, mãe e filho, podem desfrutar de sensações incríveis de amor e confiança de outra forma.

Porém, é inegável que uma amamentação eficiente desperta na mulher um sentimento de ligação mais profunda com o filho e de realização como mulher e mãe. No entanto, qualquer nutriz pode ter experiências boas e agradáveis, ao mesmo tempo em que, difíceis e cansativas. Pois, segundo Badinter (1985, p. 31): “O amor materno é de fato importante para a sobrevivência da espécie, porém, tal maternagem varia de acordo com a concepção de valores da mulher quanto ao amor maternal”.

Podemos aferir desta observação que para ser boa mãe não há a obrigatoriedade do aleitar, salvo se a mulher assim o queira. Não existe, portanto, qualquer impedimento para que mulheres que não amamentem não sejam encorajadas a dar atenção e amor ao seu bebê. Além disso, e de acordo com a autora, “Nem sempre uma experiência bem sucedida de amamentação resulta num



bebê satisfeito, se esta amamentação não resulta de uma verdadeira riqueza de experiência e de envolvimento” (BADINTER, 1985, p.37).

Em conformidade com as ideias de Badinter, Lana (2001, p.148) afirma que o amor de mãe e filho é construído aos poucos a cada contato e que se este for um contato de qualidade, terá influências positivas na vida do bebê nos primeiros meses e futuramente também. Da mesma maneira que vai favorecer o relacionamento com outras pessoas no decorrer de sua vida e na sua capacidade de ser feliz.

A grande questão aqui discutida é como dar conta desta representação do mito da mãe perfeita para as mães impossibilitadas de amamentar? Como criar condições para que as mães possam amamentar com alegria e tranquilidade os seus filhos?

Quando existe a impossibilidade de amamentar, cabe à mãe achar suporte na família e naqueles que a cercam, uma vez que elas são levadas a acreditar que a amamentação além de ser um momento de grande importância para o binômio, também é fundamental para a construção da relação afetiva entre ambos. Atitudes desta natureza colaboram para que, este momento único, carregado de emoções e significados, seja conduzido de forma mais tranquila.

Da mesma maneira, o apoio do profissional de saúde será essencial, tendo em vista que, na dinâmica da alimentação, seja por aleitamento no peito ou por meio artificial, o profissional de saúde tem um papel importante na promoção dos recursos naturais e ambientais.

### **3. O TRABALHO TERAPÊUTICO, PREVENTIVO E PEDAGÓGICO DO ENFERMEIRO FRENTE À AMAMENTAÇÃO**

#### **3.1 Enfermeiro: elemento de transformação**

O ato de amamentar é uma experiência das mais significativas, pois inaugura um forte vínculo entre mãe e filho, além de envolver alimentação, acolhimento, cuidados e troca. Melhor ainda se puder ser vivenciado por ambos, de forma prazerosa e tranquila.

Teoricamente, todas as mulheres podem amamentar se estiverem saudáveis física e psicologicamente, por isso, é muito importante ter em mente que não há regras ou ordens fixas que devam ser seguidas. Muitas mulheres vivem um sentimento único, de cuidado e intimidade. Mas a amamentação adquire um sentido

particular para cada uma, tudo dependerá de como a mulher está vivendo e sentindo a maternidade e de como está construindo a sua relação com o filho.

Todavia, toda mulher tem o direito de receber informações sobre a amamentação e suas vantagens, tanto para ela quanto para o bebê, antes, durante e depois do parto. Visto que, para assumir com mais segurança o seu papel de mãe e de provedora do alimento de seu filho, a mulher precisa se sentir adequadamente assistida nas suas dúvidas e dificuldades.

O enfermeiro pode levantar questões sobre a história de vida dessa mãe, trabalhando para despertar sua autoconfiança, mostrando que a melhor pessoa pra nutrir e cuidar do bebê é ela própria.

Por este motivo, promover um ambiente adequado é fundamental, pois:

O ambiente que cerca a relação mãe-filho contribui para a qualidade da reatividade de ambos [...] Se a mãe é cercada de pessoas que realmente conseguem ajudá-la e apoiá-la, os sentimentos de autoconfiança e satisfação emocional tendem a aumentar, assim como a disposição de dar afeto ao bebê (MALDONADO, 2002, p. 52).

Assim, a atuação profissional nesta fase da vida da mulher, estimulando as mães à prática da amamentação contribui para ajudá-las a adquirir a autoconfiança necessária para transpor os obstáculos que possam surgir no decorrer do processo. Por meio de estudos que possibilitem os conhecimentos necessários sobre os aspectos biológicos, sociais e psicológicos desta prática e conhecendo cada um dos aspectos envolvidos na amamentação, o enfermeiro poderá trabalhar terapeuticamente, preventivamente e pedagogicamente.

Pois, de acordo com Lana (2009, p.14), o profissional treinado em aleitamento materno pode ter um papel importante na sua promoção e conseqüentemente influencia sua taxa e sua duração.

Além disso, ele pode melhorar o apoio oferecido à mãe, removendo os obstáculos existentes, exigindo dele, o descobrir e o assumir a responsabilidade de ser elemento de transformação, fazendo-se necessárias mudanças enriquecidas com orientações, incentivos, gestos de apoio e de carinho.

### **3.2 O aconselhamento em amamentação**

O aconselhamento pode ser considerado uma ajuda à mãe na tomada de decisões, dando a ela informações objetivas, com evidências científicas, de que ela possa realmente utilizar. A decisão final deve ser tomada por ela, cabendo ao

enfermeiro apenas defender, por meio de uma linguagem simples e clara, a amamentação como a melhor escolha.

Segundo Bueno e Teruya (2008, p 45), a compreensão da diferença entre o simples ato de aconselhar e aconselhamento é essencial, pois quando se aconselha significa dizer à pessoa o que ela deve fazer e o aconselhamento é uma maneira da atuação do profissional que escuta e procura entender e compreender a mãe através dos seus conhecimentos.

Mas, a principal ideia do aconselhamento em amamentação é estabelecer entre o profissional e a mãe uma ação construtiva e uma facilitação na comunicação, oferecendo apoio para que ela se fortaleça, para combater as pressões, aumentando assim, sua autoestima e autoconfiança.

Outro aspecto importante a ser considerado é quando a amamentação natural torna-se impossível. O que pode provocar um forte sentimento de culpa na mulher, fazendo com que ela fique em conflito durante esse período, comprometendo assim, o aspecto afetivo do ato de amamentar.

Para Lana (2009, p.8) o leite materno será preferível e desejável, mas a decisão final é da mãe. Se ela não conseguir superar os impedimentos para a amamentação, não será pior do que uma mãe que amamenta. E para complementar essa ideia, ele acrescenta:

A amamentação é de importância indiscutível. Não só pelo leite físico, mas também pelo leite emocional. Quando a mãe tem prazer em amamentar, representa uma energia vital, uma energia amorosa, também incorporada pela criança. Este leite amoroso pode não vir com o leite físico ou o leite amoroso pode vir sem o leite físico (LANA, 2009, p.144).

O mesmo autor relata que a crítica pode levar a mãe a ficar na defensiva e até direcionar seu ressentimento contra o profissional que a orientou, diminuindo as chances de intervir a favor da amamentação:

Uma amamentação mal sucedida pode levar a mãe a sentir-se culpada, não se julgar uma boa mãe por ser incapaz de alimentar o próprio filho, o que pode interferir na formação do vínculo mãe/filho. Muitas mães não se contentam em ser boas mães; querem ser perfeitas (LANA, 2009, p.145).

Por este motivo, mesmo aquela mãe que recebe a melhor informação possível sobre como amamentar seu filho e, por algum motivo, decide não fazê-lo, não deve ser criticada. Como muitos fatores podem estar relacionados a esta

recusa, o enfermeiro deve tentar perceber o que poderia ter feito para que o desmame não ocorresse.

A atuação profissional nos períodos mais críticos do processo de aleitar efetiva o trabalho do enfermeiro, por meio da promoção de práticas saudáveis, aqui em relevância, a prática do aleitamento materno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo foi realizado com o propósito de contribuir como suporte teórico para a construção do conhecimento em enfermagem, focalizando a importância e a potencialidade da assistência deste profissional na continuidade da prática de amamentação e na consolidação do vínculo afetivo mãe-filho.

Através da leitura e análise dos textos previamente selecionados, foi possível constatar que a amamentação é fortemente influenciada por questões biológicas, sociais e psicológicas, pois apesar da amamentação ser biologicamente determinada pela natureza ela sofre influências psicossociais.

A enfermagem tem um papel de grande importância no desenvolvimento de estratégias para promover o aleitamento materno e auxiliar na desmistificação e na quebra desses paradigmas. Cabe a ela a tarefa de garantir a cada mãe uma escuta ativa, de modo a tornar a amamentação um ato prazeroso.

Sendo assim, em favor desses aspectos envolventes, é que se conduzirá a maneira como a amamentação será realizada. E, para que ela seja realizada com sucesso, é importante que a mulher esteja amparada pelo enfermeiro, e por toda equipe multiprofissional.

# **BREASTFEEDING AS A SIGNIFICANT FACTOR IN THE ESTABLISHMENT OF MOTHER-CHILD RELATIONSHIP AFFECTIVE**

## **ABSTRACT**

This study shows the importance of breastfeeding in the initiation of the bond between mother and child and the influence on the child's emotional development. Despite being a natural act, breastfeeding is developed within a socio-cultural context, being influenced by society and living conditions of women. This work intends to define the breastfeeding importance, emphasizing a socio-historical context, and demonstrate that it keeps the bond between mother and child. Through analytical-descriptive research, the building of nursing knowledge contribute to demonstrate the relevance of them in all stages of breastfeeding. Furthermore, this study shows the interaction of nurses in care situations contributing to the establishment of this bonding.

**Keywords:** Breastfeeding - Emotional attachment – Mother – Son - Nurse.

## REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 31-37-38-39-48 p.
- BERTOLDO, Ingrid Elisabete Bohn; SANTOS, Marcos Leite dos. Benefícios Biopsicossociais do Aleitamento Materno. In: ISSLER, Hugo. **O Aleitamento Materno no Contexto Atual**: políticas, práticas e bases científicas. São Paulo: SARVIER, 2003. 263 p.
- BOSI, Maria Lúcia Magalhães; MACHADO, Márcia Tavares. (2005). **Escola de Saúde Pública do Ceará**. Disponível em: < <http://www.aleitamento.com.br>> acesso em: 06 fev.2011.
- BUENO, Lais. Graci. Santos; TERUYA, Keiko. Método de Aconselhamento. In: ISSLER, Hugo. **O Aleitamento Materno no Contexto Atual**: políticas, práticas e bases científicas. São Paulo: SARVIER, 2008. 45 p.
- CAMPOS, Dioclécio. (2011). **Os bebês precisam da presença materna**. Disponível em: < <http://www.amamentacao.com.br>> acesso em: 08 set.2011.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 32-283 p.
- LANA, Adolfo Paulo Bicalho. **Centro de Saúde Amigo da Criança**. 6.ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2009. 8-14-144-145 p.
- \_\_\_\_\_. Bicalho. **O Livro de Estímulo à Amamentação**. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 2001. 143-148 p.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da Gravidez**. 15.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2002. 52 p.
- MARTINS FILHO, José. **A Criança Terceirizada** – Os caminhos das relações familiares no mundo contemporâneo. São Paulo: Papyrus, 1997. 31 p.
- PEDROSO, Glaura César; PUCCINI, Rosana Fiorini. Aleitamento Materno - o papel dos serviços de saúde. In: ISSLER, Hugo. **O Aleitamento Materno no Contexto Atual**: políticas, práticas e bases científicas. São Paulo: SARVIER, 2008. 45 p.
- PEREIRA, Andréia de Souza Gonçalves. O Aleitamento Materno e a Atenção Integral à Saúde da Criança. In: ISSLER, Hugo. **O Aleitamento Materno no Contexto Atual**: políticas, práticas e bases científicas. São Paulo: SARVIER, 1999. 57 p.
- REGO, José dias. O Papel do Pai na Amamentação. In: ISSLER, Hugo. **O Aleitamento Materno no Contexto Atual**: políticas, práticas e bases científicas. São Paulo: SARVIER, 2008. 11-17 p.